

INTENSIVISMO

— Vanguarda Literária Mato-grossense —

Cristina Campos



MANIFESTOS DO INTENSIVISMO

Os intensivistas publicaram seus manifestos (curiosamente, assinados apenas por Wladimir Dias Pino) nos periódicos que organizaram, anunciando a conta-gotas os avanços estéticos que realizavam. Aqui, encontram-se transcritos dois deles e mais uma interessante reflexão.

O primeiro texto, publicado em *O Arauto de Juventília* n. 2, de 1950, não é propriamente um manifesto, mas apresenta o sonho sinestésico de aproximação da poesia com outras artes, sobretudo a escultura, característica distintiva do futuro livro-poema de Dias Pino e seus projetos esculturais.

O segundo é um manifesto publicado em *Sarã* n. 3, de junho de 1951. Apresenta um discurso agressivo e radical contra o tipo de literatura praticada em Mato Grosso, marcando uma posição de avanço em defesa do novo; e o terceiro — também veiculado em *Sarã* n. 4, de julho de 1951, na sequência do anterior — teoriza o que se pretende produzir, didaticamente apresentando algumas direções e características do Intensivismo.



Wladimir Dias Pino

Não se tapa o passado. Goteira-o, por entre dentes.

Silva Freire

APESAR DE TUDO, ARTES...

Wladimir Dias Pino

I

A Arte de hoje é mais experiência poética do que espontaneidade. A Arte já viveu a idade dos deuses. Tornou-se, com toda razão, divina, quase ao extremo...

II

A Escultura prova a Pintura, enquanto, sem demora, a Pintura é afirmação da Escultura. O mesmo, de fato, acontece com a Poesia; e a música de que falo é o espírito wagneriano e nunca o ritmo matematicamente repetido. Alguém já afirmou que a escultura é a pintura por todos os lados; também a poesia é o "Simbolismo" da música em todas as faces.

Coisa concretamente artística. E esta razão é, sem favor, tão revolucionária como os gregos ao "desverticarem" as estátuas, isto é, ao abrirem os braços da Escultura.

III

A Escultura é intensamente símbolo; a poesia também. Aliás, a poesia atual é tão objetivamente densa como uma decisão puramente poética, como a escultura.

IV

A Escultura respira belezas, enquanto a Poesia expira símbolos.

V

A música confia, até mesmo mais que a poesia, no subjetivismo das curvas e, como cores, tem, sentimentalmente, a beleza do carinho, enquanto a poesia e a escultura têm um mistério como se fosse a esperança duma saude, isto quer dizer, mais sugestivamente central o íntimo.

VI

Na arte, o Sentir está acima do Compreender.

Advertisement for 'O ARAUTO' magazine, issue 2, July 1950. Includes the title 'Apesar de tudo, Artes...', a portrait of a woman, and various text elements like 'Tânia' and 'História dos Vinte Anos'.

O Arauto de Juvenília, n. 2, jan. 1950, p. 1.

Advertisement for 'Sarã' magazine, issue 4, July 1951. Includes the title 'Sarã N. 4', the date 'JULHO DE 51', and a large vertical title 'WADIM R. DIAS PINO'.

Sarã, n. 3, jun. 1951, p. 5.

Sarã, n. 4, jul. 1951, p. 1.

Flexível como o alongar da sombra...

Wladimir Dias Pino

VII

O Sentimento da música e também o “desconhecido” da poesia.

VIII

Num quadro a Simplicidade, quase sempre, é mais reinante, desde a formação das curvas. E é por isso que a música caminha, assim, muito e muito, para a intimidade de uma adoração e da razão, também, para que o sugestivo seja, quase sempre, tão sonoro.

IX

A música interiormente é verdadeira, enquanto a escultura Superficial é exata.

X

A poesia é o privilégio da inteligência de recordar uma coisa prevista, sendo, portanto, a perfeição do ideal dos sonhos.

XI

A música é indeterminada como as curvas: transporta como a poesia, sugere como a escultura e evoca a pintura.

XII

A arte moderna está quase na psicologia do Sonho. O sonho desconhece os limites primários. Chega alcançando pleno da sensibilidade que é a revelação do EU.

É, por assim dizer, o capricho da Perfeição... São os fenômenos dos sonhos indefinidos como as sensações. É o subjetivo aproximando-se da emoção e transforma-se em verdade para ser, em certo ponto, definitivo.

XIII

A emoção deve nascer juntamente com a forma, nem antes nem depois.

Aproxima-se, assim, mais do desejo. Dá mais valor ao íntimo.

XIV

Assim, chega a sentir o artista mais que as cores compradas.

XV

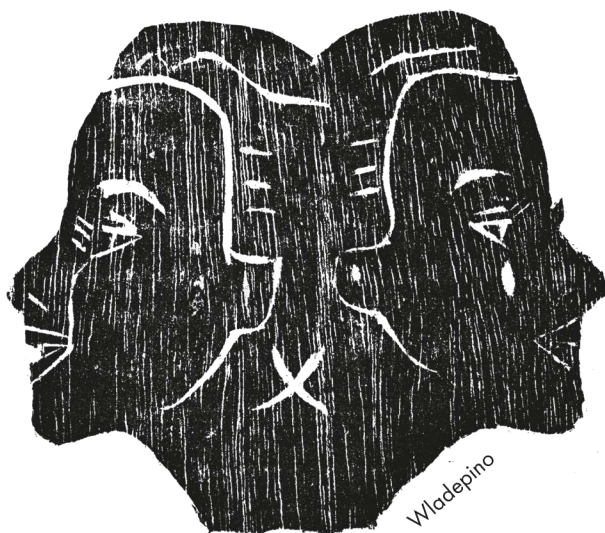
O que Coelho Neto fez com os discursos é preciso o admirador fazer com a arte atual – fazer literatura.

XVI

A psicologia artística é o resumo da filosofia e absurdo do Belo...

Adão pobre e, por isso mesmo, de braços cruzados como quem tem frio. De pernas cruzadas. Pose imóvel de quem vai, eternamente, tirar fotografia para comemorar centenário. Pose de estatueta de Cr\$ 5,00.

(*O Arauto de Juvenília* n. 2, jan. 1950)



É necessário romance entre forma e significado.

Doriane Miloch

INTENSIVISMO

Wladimir Dias Pino

O passado da nossa literatura, na verdade, é quase um boato e, como todo boato, tem uma unhinha de verdade. Essa unhinha, por certo, é Lobivar Matos, Pedro Medeiros e Antônio Tolentino, que foi – é bom que se diga – a melancia da nossa literatura (82% de água – frescor em fruta).

Nossa cultura é um Adão e a literatura a folha de parra. O mais pobre e desnudo dos Adões.

Sem comunicação até com Eva. A nossa literatura não se afasta dos modelos em verdadeira e pequena cabotagem.

Pobre coitada – sombria como um corredor em caracol. É redonda como um zero. Sem pontas. Exata. Quer dizer, eco.

Longe, bem longe – dum? – gráfico. Frouxa. Sem consolo.

Pois bem: desse muro sujo, rabiscado de jardim de infância – a literatura – pode-se dizer: é uma árvore que nem vive do prestígio da sombra.

E olhem, nunca tivemos um Sonetista, embora nossos homens-de-pensamento preferissem, desde o início, uns versos fáceis, ao estudo cansativo dum ensaio.

Fica dito que não temos ensaísta, mesmo agora, até.

Nossa literatura nem tem separação entre Romantismo e Simbolismo.

É uma coisa plana (na altura do nível do mar).

Comédia que diverte e irrita, ao mesmo tempo. chega, até, ser ladeira. Nunca tivemos rumo, também. Nunca tivemos correntes. Mas não é tudo: tem a cor da poeira quieta dos arquivos esquecidos longe da cor avermelhada dos campos de batalha. Se mostrando vazia

como um cartão de convite, naquela vontade de dormir, de abrir a boca só pra bocejar.

Cinematografia de sombras, por gentileza.

Ah! Já ia me esquecendo: nossos poetas são piões.

Produzem um ruído de bezerro. Rodam, rodam e não saem do lugar decorando aquela música única. E o pior é que, quando se aprofundam dois dedos, a terra os obriga a parar.

É pouco ainda: é, sempre, uma literatura improvisada. Deitada, chocando pedrinhas.

É uma espécie de artigo comprado em queima de fim de ano.

De voz fina.

Fica assim parada como se olhando imbecis.

Em outras palavras: é conversa-fiada, é velho cheio de desculpas e reumatismo. [...]

(Sarã n. 3, jun. 1951.)



Wladimir Dias Pino

Os livros são escudos contra o nada.

Regina Pouchain

INTENSIVISMO

Wladimir Dias Pino

O Intensivismo é, certo, um simbolismo duplo. Além da imagem, na verdade, está o outro significado poético. Por exemplo: 'E debaixo de tantas emoções noto, lá embaixo, os caminhos como braços?'

O simbolista, olhando de cima, logo apresenta a imagem dum braço estendido, mas o intensivista vai além mesmo.

Começa, na verdade, dizendo que os braços são aquilo que puxam as coisas para junto do coração, ou mandam embora.

Os caminhos são assim; caminhos claros como a luz que aparecesse por causa de portas que fossem abertas.

Aqui os caminhos, ou vêm, já são luzes que vêm ao encontro dos que chegam, luzes de portas que foram abertas. As portas riem de contentes.

O simbolista é um desenhista e o intensivista um escultor. A escultura é um desenho de todos os lados. Digo isso porque o simbolista, aliás, muitos simbolistas, já usaram comparação de um rio com um monge rezando. Ora, essa comparação o intensivista joga na cesta ou publica numa coluna humorística, porque o rio poderá ir rezando como um monge, porém nunca terá forma humana mesmo olhando-o do ângulo mais especial.

O simbolismo aproveitaria a beleza poética da frase: 'esqueleto com a brancura de círios'. Agora o intensivista não, já procuraria usar a descoberta poética de uma outra forma. Só se, no caso, fossem ossos separados. Ossos pequenos, até mesmo do tamanho de velas, brilhando com luz nas pontas. Luz que viesse lá do infinito, na brancura de círios sumida. Na brancura de ossos, são velas fantasmas. O fantasma, o sumido e a repetição da brancura dão cheio ao ambiente.



Através da história é que o tempo exige ser visto.

Wladimir Dias Pino

Outra coisa de interessante é o choque de palavras. Para os simbolistas, as letras tinham cores; para nós, as palavras valem devido à experiência e ao espírito de síntese-poemas. As palavras são cheias de símbolos. As palavras trazem, hoje, o seu destino. As palavras unidas por uma ligação aérea e subterrânea.

Outra diferença:

O simbolista, como é sabido, usou do neologismo. É uma grande coisa, ninguém pode negar. É a ânsia da originalidade, afirmamos, procurando um ângulo mais expressivo. O mais importante é a contribuição individualista e inovadora da criação. Melhora o estilo e etc. e tal. Com tudo isso de valor veio também o luxo vocabular. Luxo besta e daí o sabor único de ser inodoro, quando era preciso, em primeiro lugar, ser poético.

Eles renovaram, agora nós devemos aumentar, o que seria melhor.

O intensivista tem a obrigação de inventar termos novos com novas descobertas. Othoniel, por exemplo, demonstrou no terceiro número do *Sarã* a fraqueza da palavra ‘contemplação’ diante da velocidade do automóvel. Em vez de filmar, em vez de receber a paisagem como ela se entrega, parado, ele é filmado, ele entra pela paisagem e deixa de ser a contemplação puramente.

Pois é: neologismo, vejam só, até a formação do título, não concorda com as palavras formadas, por exemplo: estreloso, noitidão, silencial, etc. Deveria, então, o título ser formado de uma única palavra em que fosse usada a palavra nova.

Se esses espumoso, ondeoso fossem criados para rimar, ainda bem. Seriam rimas novas e perderiam um pouco de sua aspe-reza artificialista. O intensivista ganha esta experiência.

Voltemos: o intensivista é de uma condensação emocional, de uma liberdade para a sucessão de imagens e criadora de tantas consequências psicológicas, de imagens inesperadas, mas arrastando mistérios que se descobrem por detrás dos símbolos transparentes do primeiro plano, que é de se crer que não teremos uma dúzia de poetas intensivistas.

A literatura fora do Intensivismo é, mesmo, reler escrevendo. E escrever o que foi lido.

Exemplo de um verso, somente um verso intensivista: ‘Os macios seios de Tereza têm a ondulação de um horizonte’. Se fosse um simbolista puro, diria: ‘Os seios de Tereza têm a ondulação de montes’.

Como se vê, a intenção do intensivista é dupla por causa do horizonte – do incontestável. Depois do contraste do macio com aparência de ondulação de montes.

Montes onde nasceu o sol do desejo, deve ter alimentado algum leitor.

Depois disso, resta dizer que é, ainda, um princípio e que não ficará, por certo, aí.

É a estaca zero, como preferem usar. Que, então, simplesmente o começo, como desejariam outros.

Seguirá saindo disso, porque do contrário seria um estilo, nada mais.

(*Sarã* n. 4, jul. 1951.)

Cristina Campos

Em diversas ocasiões, Wlademir afirmou que o livro-poema *A Ave* foi o marco principal, em nível nacional, do Intensivismo, e fez questão de descolar sua ancoragem nas movimentações de vanguarda do Rio de Janeiro e São Paulo da década de 1950, pois se tratava de algo anterior a isso.

Um dia, perguntei-lhe: “Afinal, que ave é essa? Sabiá? Bem-te-vi? João de barro? Tico-tico? Sanhaço? Ao que ele respondeu: “Não! É a garça!...”. E me contou que, ainda garoto, na beira dos rios Cuiabá ou Coxipó, nas tardes quentes típicas da cidade, ele as contemplava voejando e andando sobre a areia branca das praias e se confundindo com ela, imagem que muito o impressionou. “Branco sobre branco gera um apagamento, é uma camuflagem interessante” – esclareceu.

Por que justamente a garça chamou-lhe tanto a atenção? – perguntei-me, considerando que dezenas de aves de espécies distintas podem ser avistadas às margens dos citados rios, todos os dias, com suas peculiaridades. Indaguei de alguns ribeirinhos quais são as que mais lhes chamam a atenção e por quê. A mais citada foi justamente a garça, pela graça no porte e brancura incontaminável, ligando-a ao semantismo da pureza, o que me remeteu imediatamente à flor de lótus indiana, ou nenúfar egípcia, pois sua cor provoca o imaginário do observador: branco que não se suja nem no brejo mais barrento.

A experiência da solidão na praia de rios limpos com areias branquíssimas e a contemplação da garça foram os elementos do meio ambiente que provocaram o imaginário do poeta ainda garoto, cuja resposta ele deu, primeiro verbalmente, através da escrita de um poema; e, anos depois, tecnicamente gerando nas páginas do livro-objeto *A Ave* e outros (*Solida* é um exemplo)

um apagamento do código verbal, que foi substituído por sinais e perfurações no papel, criando uma linguagem de vanguarda na Literatura.

Garimpando a produção dos intensivistas, encontrei uma poesia da fase juvenil de Wlademir, na qual ele ainda utilizava apenas a palavra escrita como meio de expressão, o que comprova o que me contou:

BRANCURA

A garça p'ra se esconder
– numa distância de estrela –
vem ficar na frente
da faísca mais branca
de areia.

A brancura da areia
come a figura da garça
que-nem cal
numa cor-de-paz.

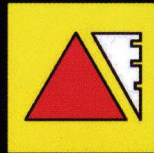
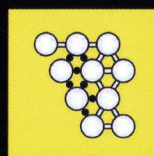
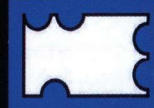
A areia é movediça
e a garça desaparece na brancura.

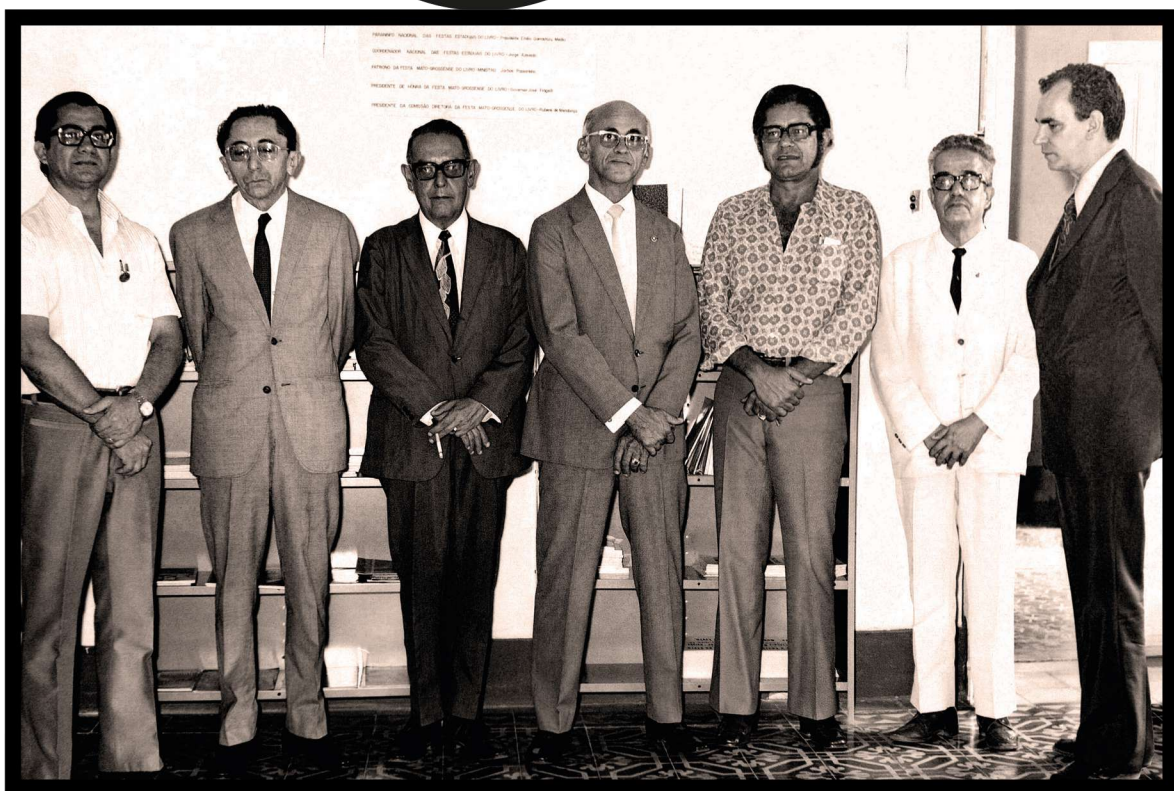
Na cor branca da nuvem errante
a garça, de asas fechadas,
desaparece
imóvel (DIAS-PINO, 1951, p. 8).

É possível apreender a ideia de processo, tão cara ao conjunto da obra de Dias Pino, acompanhando a produção do livro-objeto *A Ave* desde a sua motivação: uma experiência onírica vivenciada junto à natureza cuiabana.

A memória nos provê de translúcidos fotogramas.

Regina Pouchain





Da esquerda para a direita: os 'tradicionais' Pe. Wanir Delfino Cesar e Antônio de Arruda; e os 'novos' Rubens de Mendonça, João Antonio Neto, Silva Freire, Newton Alfredo e Wladimir Dias Pino, na Festa Mato-grossense do Livro — Academia Mato-grossense de Letras, [197-].

Biblioteca Digital do Intensivismo

www.intensivismo.com.br



Acesse-me

Expediente

© Cristina Campos, Cuiabá-MT — 2021.

Projeto Gráfico e Tratamento de Imagens

LinkedIn
Doriane Miloch

Instagram
entre_livros_e_gatinhos

Carlini&Caniato
editorial

REALIZAÇÃO:

Lei Aldir Blanc em Mato Grosso

SECEL
Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer

Governo de Mato Grosso

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO

PÁTRIA AMADA BRASIL
GOVERNO FEDERAL